

OS OITENTA ANOS DE ANNA MARIA MOOG

A brilhante carreira acadêmica de Anna Maria Moog

Antonio Paim

Dando continuidade ao trabalho desenvolvido pelo Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro (www.cdpb.org.br), na oportunidade dos oitenta anos de Anna Maria Moog (nasceu em março de 1936), vamos ampliar os registros da trajetória de sua carreira acadêmica, constantes do *Dicionário Bio-bibliográfico de autores brasileiros de obras de filosofia, pensamento político sociologia e antropologia*, editado pelo Senado Federal, e permanentemente atualizado no site antes referido. Nosso empenho é criar uma tradição, inexistente no país, que entretanto é parte do acervo das grandes universidades européias e norte-americanas.

Anna Maria Moog graduou-se em filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1957), concluindo em seguida graduação em inglês (na Cambridge University, norte-americana). Dando continuidade à sua formação matriculou-se e concluiu o mestrado em filosofia na University of Kansas (1961), igualmente nos Estados Unidos.

Sua carreira acadêmica iniciou-a na década seguinte, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Interrompeu-a em decorrência da mudança de direção (e de orientação) no Departamento de Filosofia. Na gestão que se encerrava (sob a competente direção de Celina Junqueira) o empenho consistia em proporcionar acesso aos alunos das principais obras dos representantes das mais importantes correntes filosóficas.

A nova direção optou por limitar o curso à difusão do que se apresentava com a fachada de “teologia da libertação” mas na verdade com o propósito de difundir arremedo de marxismo. Em decorrência da nova orientação, a área de concentração em filosofia brasileira da pós-graduação foi encerrada, mantendo-se entretanto a cadeira correspondente na graduação.

Tendo o apoio da Reitoria, tratava-se obviamente de uma prerrogativa que não podia ser contestada. Entretanto, trataram de evidenciar, desde logo, que o fariam de modo truculento e nada acadêmico. Começaram censurando um texto do prof. Miguel Reale, incluído numa apostila preparada para o curso de graduação em filosofia brasileira (sobrevivente). Tendo sido escolha de Anna Maria Moog, decidiu-se por demitir-se da PUC. A carta em que o fez veio a ser publicada pelo *Jornal do Brasil* (Edição de 14/3/1979), então um dos principais jornais diários do Rio de Janeiro

O mesmo jornal, no dia seguinte, insere uma carta do Diretor do Departamento de Filosofia em que informa ter decidido que o texto “não fosse incluído numa apostila oficial do Departamento, face ao caráter polêmico e controvertido das atividades políticas do prof. Reale.”

Essa confissão pública da inexistência de liberdade acadêmica numa instituição universitária veio a provocar um grande debate no país. Os textos em apreço foram editados (Editora Artenova, 1979) podendo ser acessados no site indicado (www.cdpb.org.br). O livro intitula-se *Liberdade acadêmica e opção totalitária. Um debate memorável.*

O incidente não chegou a truncar o que denominados de “brilhante carreira acadêmica”. Ao contrário, permitiu que demonstrasse sua capacidade como pesquisadora.

Projeto luso-brasileiro

Tal se deu ao longo das décadas de oitenta e noventa. Nesses cerca de vinte anos, a equipe constituída para implantar o curso de filosofia brasileira, extinto este na PUC-RJ, foi convidada a participar de projeto de doutorado que se revelou da maior relevância, na Universidade Gama Filho (UGF).

Tratava-se de uma pesquisa pioneira sobre as relações (culturais) entre o Brasil e Portugal, no período posterior à independência, em áreas determinadas do pensamento. Nessa fase inicial, estaria limitada à filosofia e ao direito. Anna Maria Moog integrou-se ao Corpo Docente responsável pela área de filosofia, na condição de professora auxiliar. Concluiu o doutorado, que era requisito para continuidade da carreira, sendo sucessivamente promovida, tornando-se professora titular.

A pesquisa em apreço contava com acervo bibliográfico completo e sem precedentes na universidade brasileira. Tratava-se de que a UGF acolhera a biblioteca de Marcelo Caetano (1906/1980). Tendo sido escolhido para substituir Salazar, deposto com a Revolução dos Cravos (1974), exilara-se no Brasil. Essa biblioteca contava com as obras fundamentais dos pensadores portugueses, incluindo raridades e coleções de publicações

periódicas. Tinha plenas condições de sustentar uma pesquisa do nível da projetada, tanto para a filosofia como para o direito.

No caso da filosofia brasileira, a equipe brasileira transferiu para a Universidade as obras fundamentais requeridas pela pesquisa.

Esta obedeceu ao método estabelecido pelo filósofo português Eduardo Soveral (1927/2003), que dirigiu o projeto nas duas décadas indicadas.

Consistia em limitar os períodos de forma que se pudesse estabelecer confronto entre autores portugueses e brasileiros, com vistas a estabelecer o que eventualmente haveria de comum.

Começando essa subdivisão com a Independência, no século XIX, aproximadamente das décadas de quarenta a setenta havia uma certa homogeneidade estabelecida pela Escola Eclética Brasileira. Embora em Portugal também houvesse repercutido o ecletismo francês, naquele período evidencia-se um certo distanciamento entre os dois países, pelos choques decorrentes da separação. Os brasileiros aproximaram-se do pensamento francês justamente para distanciarem-se da pátria comum precedente.

Ciclo de reaproximação verifica-se a partir da década de setenta: as gerações dessa década, tanto em Portugal como no Brasil, tratam de por em discussão as doutrinas vigentes. No primeiro temos a chamada “Questão Coimbrã” enquanto no Brasil emergiria o que Silvio Romero iria batizar como “surto de idéias novas”.

Na nova fase há uma franca aproximação entre as duas culturas, tendo como eixo central o positivismo. Pereira Barreto, um dos principais divulgadores da doutrina de Comte, depois de caracterizar as duas

primeiras das “três filosofias” (teológica e metafísica) dispensou-se da caracterização da terceira (o positivismo), destinada a substituí-las em definitivo, recomendando a obra ao tema dedicado do pensador português Teófilo Braga.

No ciclo subsequente, de franco predomínio positivista, tanto no Brasil como em Portugal, a gestação da fase subsequente (superadora) consistiria em encontrar os meios para reintroduzir o debate dos chamados temas metafísicos. Nesse particular, destacar-se-ia a contribuição de Anna Maria Moog.

A contribuição de Anna Maria Moog para a continuidade da pesquisa

Tenha-se presente que se tratava da pesquisa dedicada ao que seria o pensamento luso-brasileiro e não apenas ao português ou brasileiro tomados isoladamente. Quanto a estes, especialmente no que se refere à filosofia brasileira, o grupo da Gama Filho acolheu estudiosos que se incumbiram de preencher lacunas na determinação da trajetória de alguns de nossos pensadores. Suponho que esse aspecto acha-se suficientemente documentado em especial na obra de José Maurício de Carvalho, intitulada *Contribuição contemporânea à história da filosofia brasileira. Balanço e perspectivas* (acessível em www.cdpb.org.br/Estudosdestacados).

O tema que caracteriza o novo ciclo de desenvolvimento da filosofia ocidental, iniciado em fins do século XIX e que floresceria nas décadas que

abrangem grande parte do século XX, consiste precisamente em superar a interdição positivista e comprovar a legitimidade dos temas objeto da meditação tradicional que ultrapassam limites e procedimentos fixados pela ciência.

No caso brasileiro, esse papel viria a ser desempenhado pela Escola do Recife. Conforme foi então estabelecido, facultaria a transição para uma das correntes que conseguiram, no Brasil, restaurar o debate interdito pelos positivistas. Temos em vista o culturalismo.

O mérito de Anna Maria Moog corresponde a haver documentado que a obra que contribuiria para a resistência à ascensão do positivismo, em Portugal, seria a do filósofo e poeta Antero de Quental (1842/1891). A este autor dedicou a sua tese de doutorado, texto que viria a ser publicado pela Editorial Verbo, de Lisboa, em 1990.

Antero apresenta um autêntico programa de superação da estreiteza positivista na obra *Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX* (1890). Busca comprovar a validade de uma teoria geral do universo que sintetizaria as grandes criações espirituais que, ao longo dos séculos, expressam a visão criadora de cada período histórico. A tarefa da filosofia residiria em procurar explicar a convergência gradual dos sistemas uns para os outros.

Outras atividades

O eixo central de sua atividade acadêmica acha-se relacionada à pesquisa dos temas filosóficos que constituiriam o pensamento luso brasileiro. O patrimônio acumulado nessa pesquisa deu-se através de Colóquios, realizados alternativamente no Brasil (denominados de Antero de Quental) e em Portugal (designados como Tobias Barreto), coordenados pelo Instituto de Filosofia Luso Brasileira, sediado em Lisboa, e por Universidades brasileiras.

A par disto, Anna Maria Moog tem sido uma ativa colaboradora do Centro Dom Vital e da Universidade Católica de Petrópolis.

Foi incumbida da preparação de duas antologias, a primeira intitulada *Moralistas do século XVIII* (Rio de Janeiro, Documentário, 1979) e, a segunda *A igreja na República* (Brasília, Editora UnB e Câmara dos Deputados, 1981).

Atuou junto aos estudiosos que se ocuparam de estabelecer diretrizes filosóficas para a pesquisa tecnológica, congregados no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET).

Pertenceu ainda ao Conselho Editorial das revistas “Presença Filosófica”, editada pela Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, e pela revista “Reflexão”, mantida pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Pertence à Academia Brasileira de Filosofia.

São Paulo, janeiro de 2016.

ANNA MARIA E A AVENTURA DO PENSAMENTO BRASILEIRO

Ricardo Vélez Rodríguez

As comunidades humanas precisam ser construídas. Nessa tarefa, é central o papel desempenhado pelos “agregadores”. Eles agem como ímãs que atraem os indivíduos dispersos e vão solidificando grupos em que passam a vigorar valores e crenças comuns, que dão ensejo a projetos também comuns. Inversamente existem os “desagregadores”, aqueles líderes negativos que conseguem dissociar as pessoas umas das outras, destruindo as comunidades.

Antônio Paim, o Mestre, é uma liderança agregadora. Sob a sua benfazeja influência, os que participamos do Curso de Mestrado em Pensamento Brasileiro oferecido pela PUC do Rio de Janeiro no início dos anos setenta, passamos a integrar não apenas uma comunidade de estudiosos, mas também conseguimos dar ensejo a um sólido grupo de amigos que fomos nos encontrando, mais adiante, em outros projetos culturais, notadamente no Curso de Doutorado em Pensamento-Luso-Brasileiro, organizado pela Universidade Gama Filho ao longo dos anos 80.

Vim ao Brasil no início de 73, para fazer o Curso de Mestrado em Pensamento Brasileiro. Não era meu intuito, originalmente, fazer esse curso. Tinha me preparado para cursar a pós-graduação na Alemanha, tendo frequentado, para isso, o curso de língua alemã no Goethe Institut de Medellín, ao longo dos anos 60. Paralelamente, recebi o convite do grupo radical católico Equipes Docentes da América Latina, para frequentar curso sobre movimentos sociais latino-americanos no INODEP (*Institut Oecumenique pour le Développement des Peuples*), instituição mantida, em Paris, pelo Conselho de Igrejas e que estava sob a direção de Paulo Freire. Eu e a minha esposa tínhamos recebido bolsa para participarmos desse curso, a partir de início de 1973.

No entanto, as coisas desandaram. Em consequência da repressão policial efetivada pelo governo militar brasileiro contra os movimentos de esquerda, informações relativas à nossa participação no mencionado curso vazaram e o Dops começou a procurar pela minha esposa para averiguações. Temendo pela segurança da sua família

no Rio de Janeiro, ela regressou rapidamente de Bogotá, onde morávamos, a fim de se apresentar às autoridades.

Eu precisava acompanhá-la. Era necessário um álibi para justificar a minha presença no Brasil. Averigui no ICETEX (Instituto Colombiano de Estudos Técnicos en el Exterior), a fim de ver as possibilidades de uma bolsa para curso de pós-graduação no Brasil. Encontrei a informação do Curso em Pensamento Brasileiro, oferecido pela PUC do Rio, com apoio da Organização dos Estados Americanos. Apliquei para esse Curso e, em Fevereiro de 1973, fui selecionado para receber a bolsa correspondente, tendo-me trasladado rapidamente ao Rio de Janeiro para cursar os meus estudos de pós-graduação.

Conheci Anna Maria e a sua família quando comecei a frequentar as aulas do Curso de Pós-graduação em Pensamento Brasileiro, em Março. Participavam da turma, entre outros, Amélia Teixeira, Ubiratan Macedo, Vera Lúcia Vidal Franco, Maria Helena Pessoa de Queiroz, Vera Cristina de Andrade Bueno, Armando Marques, Tiago Adão Lara, José Carlos Rodrigues e Eduardo Jardim de Moraes. A diretora da Pós-Graduação, Celina Junqueira, nos acolheu com esse espírito aberto que a caracteriza, como conciliadora natural entre pessoas diferentes. No caso, a professora Celina estabeleceu uma ponte de convívio e diálogo entre as várias vertentes políticas presentes no corpo docente, os discentes e a direção do Curso, controlado pelos padres jesuítas. Participavam da equipe docente, além do Mestre Antônio Paim, que a coordenava, alguns padres vindos da esquerda como Hilton Japiassu (da ordem dos Dominicanos) e Olinto Pegoraro, alguns professores ligados à Ação Popular do padre Lima Vaz, sendo o mais representativo Guido Antônio de Almeida, liberais como Vicente de Paulo Barretto, tradicionalistas como José Arthur Rios, etc.

Anna Maria foi, para mim, amiga da primeira hora. Após as aulas, na parte da manhã, a turma dos mais chegados ao Mestre Paim se reunia para almoçar no restaurante da PUC e depois ficávamos jogando conversa fora nos belos jardins sombreados pelas imensas jaqueiras, com o meu temor de que despencasse sobre nós um desses enormes frutos cheirosos. Vizinha da Universidade, Anna Maria logo nos convidou para que fôssemos à sua casa, na rua Carlos Taylor, na Gávea. Ali desenvolvemos muitos dos trabalhos que apresentávamos nos seminários do Curso. Conheci então o seu marido Aroldo, professor da PUC no prestigioso departamento de Psicologia Social por ele organizado. Conheci também os seus filhos no belo lar por ela e Aroldo constituído.

Lembro-me de Duca, então menino de poucos anos, brincando no colo do avô, o escritor Viana Moog. Anna Maria muito gentilmente apresentou-me ao pai, dizendo que eu estava desenvolvendo pesquisa sobre o castilhismo no Rio Grande do Sul. Do eminente escritor gaúcho recebi valiosas informações sobre o ambiente cultural de Porto Alegre e do Estado sulino, ao ensejo da ditadura castilhista e da reação liberal protagonizada pelas novas gerações e da qual ele próprio formou parte. Viana Moog

me abriu as portas da Sociedade Cultural Sul-rio-grandense, que funcionava no centro do Rio; na biblioteca dessa instituição pude completar as minhas consultas bibliográficas sobre o ciclo histórico das guerras civis gaúchas, protagonizadas pela intransigência da ditadura castilhistas e pela altiva reação dos liberais.

Eu e os colegas adorávamos ouvir as histórias e causos contados pela Anna Maria, uma autêntica “contadora de histórias” do tipo descrito por Érico Veríssimo na sua magnífica narrativa. Mas na capacidade da Anna Maria de contar histórias destacava-se, também, o fino humor carioca. Pena que a minha amiga não tenha colocado por escrito esses seus causos e histórias tremendamente vivos e agradáveis. Algum dia, espero, o faça. Por enquanto, vamos ficando com a sua valiosa contribuição à história das ideias, nos seus livros sobre o pensamento de Antero de Quental e a ética dos moralistas brasileiros do século XVIII, bem como os vários ensaios sobre a evolução das ideias tradicionalistas no Brasil, além dos seus estudos sobre aspectos variados do pensamento português e acerca das relações entre educação e tecnologia, produzidos quando da sua passagem pela Escola Naval e o CEFET.

Essa foi a primeira etapa da minha amizade com Anna Maria. Terminado o mestrado, voltei à Colômbia onde organizei, nas Universidades de Medellín, de Antioquia e Pontifícia Bolivariana, algumas disciplinas que visavam a estudar a história das ideias filosóficas e políticas na América Latina, destacando o papel do Brasil. Esse tinha sido, aliás, o compromisso assumido quando do recebimento da bolsa de estudos da Organização dos Estados Americanos. Não consegui efetivar essa tarefa na Universidade de origem, o Externato da Colômbia, dirigida pelo grande jurista de inspiração positivista, Fernando Hinestrosa Forero, em decorrência do fato de que ele me colocou para fora da mencionada instituição, aproveitando a minha permanência no Rio de Janeiro, entre 1973 e 1975. Não culpo o reitor da Universidade Externato pela sua radical decisão. Eu, ativista de esquerda nessa época, tinha organizado uma greve na Universidade, antes de viajar para o Brasil. Uma verdadeira heresia para um positivista ilustrado!

Mas a situação política na Colômbia piorou nos anos seguintes, ao ensejo da primeira guerra do narcotráfico, com a ascensão do Cartel de Medellín, criado por Pablo Escobar. Julguei necessário poupar a minha família dos dissabores da violência. Decidi voltar ao Brasil, com a finalidade de cursar o doutorado em pensamento luso-brasileiro na Universidade Gama Filho, em 1979. Foi nessa oportunidade que encontrei novamente a minha amiga Anna Maria. Cursei o doutorado entre 1979 e 1982. O antigo grupo da PUC viu-se acrescido de novos amigos: Francisco Martins de Souza, Aquiles Côrtes Guimarães, Vera Rudge Werneck, José Fernando Tostes Vilella Leandro, Dinorah de Araújo Berbert de Castro, Fátima Cunha Ferreira Pinto, Rosa Mendonça de Brito, Domenico Pizzinga, Italo da Costa Jóia, José Maurício de Carvalho, Fábio Rômulo Reis, Mário Sérgio Ribeiro, Adelmo José da Silva, Joel Neves, etc. Após uma breve

permanência em São Paulo e Londrina, fixei residência no Rio, a partir de 1983. Anna Maria e Aroldo prestaram-me valioso apoio ao serem os meus fiadores para alugar apartamento no Rio, uma verdadeira façanha cartorial diante das complicadíssimas praxes das imobiliárias cariocas.

O antigo grupo de amigos passou a se reunir, agora, em dois lugares: aos sábados de manhã, no apartamento de Mestre Antônio Paim, situado no bairro do Leme. Tornou-se famoso o “uíque do filósofo” que bebíamos antes do meio-dia, após o rigoroso debate sobre temas de filosofia e pensamento luso-brasileiro, com uma agenda de leitura kantianamente fixada pelo nosso anfitrião. Todas as discussões eram acompanhadas de um texto apresentado pelo relator e que depois seria integrado a uma publicação organizada pelo Mestre Paim. Esta iniciativa inspirou o surgimento de projetos paralelos que passaram a adotar a mesma metodologia de trabalho. A mais importante realização desse tipo foi o Círculo de Estudos do Liberalismo, iniciativa de Ubiratan Macedo, que se prolongaria pelas duas décadas seguintes.

O segundo lugar para os encontros do grupo era a residência da Anna Maria, na Gávea. Em algumas oportunidades reuníamos-nos na casa de veraneio do embaixador Viana Moog em Petrópolis, aproveitando o fato de o novo integrante do grupo, o Mestre Eduardo Abranches de Soveral, nosso saudoso professor e coordenador do doutorado, morar na bela cidade serrana e lecionar na pós-graduação em educação da Universidade Católica. Foram inesquecíveis as reuniões realizadas. Na casa da Anna Maria, a agenda era mais “light” do que na residência do Mestre Paim. Falávamos da cultura brasileira em contraposição à portuguesa, analisávamos as raízes comuns, destacávamos as diferenças e as proximidades, mas também ríamos lembrando os recentes casos ocorridos na Gama Filho. E comentávamos as nossas aventuras como educadores das respectivas proles que iam crescendo ao nosso redor. Tudo com a impecável atenção da dona da casa e com as suas costumeiras e agradabilíssimas histórias.

Poderia resumir o espírito que se respirava nessas sessões como de contraponto “Whig” para o rigor kantiano, um tanto “Tory”, que se respirava nos encontros com o Mestre Paim. Algo assim como as diferenças que os precursores dos doutrinários franceses encontravam, no finzinho do século XVIII, entre o agitado e alegre salão de Madame de Staël em Paris (que se prolongava durante o verão na variada programação cultural realizada no castelo de Coppet) e as aulas do sisudo doutrinário François Guizot na Sorbonne. O contraponto do ambiente do lar da Anna Maria enriquecia-se, também, com a prevalência, nele, do ponto de vista feminino da nossa anfitriã sobre os seríssimos assuntos da “metafísica da saudade” contraposta à “moral kantiana” dos pensadores brasileiros da Escola do Recife e da Corrente Culturalista. O professor Soveral gostava de indagar, nesses encontros, acerca das “Novidades...”. Qual era a última tirada dos nossos alunos em sala de aula, qual a fofoca do momento

na Gama Filho, qual a mais recente derrapada burocrática protagonizada pelo coordenador geral da pós-graduação, Tarcísio Padilha e pelo seu factótum na época, o complicadíssimo professor Paul-Albert Simon... Das sessões de bate-papo, às quais se incorporaram logo os novos alunos do Curso, surgiram iniciativas memoráveis, como a criação do Centro de Estudos Luso-Brasileiros que, nos anos 80, desenvolveu ampla tarefa de pesquisa e de divulgação cultural sob a direção da Anna Maria.

Desdobramento importante deste segundo ciclo de amizade e estudo foram os Colóquios Luso-brasileiros de Filosofia, que por iniciativa dos Mestres Paim e Soveral passaram a se realizar a cada ano, de forma alternada, em Portugal e no Brasil. Novas amizades se incorporaram, desta vez do outro lado do Atlântico: Francisco da Gama Caeiro, Afonso Botelho, António Braz Teixeira, António Gomes da Costa, José Esteves Pereira, Pedro Calafate, João Bigotte Chorão, Maria de Lourdes Sirgado Ganho, Alexandre Fradique Morujão, António Quadros, Leonel Ribeiro dos Santos, Lúcio Craveiro da Silva, Landucha e Cristiana e Soveral, Paulo Alexandre Esteves Borges, Manuel Cândido Pimentel, Maria Helena Varela, etc. A riqueza dessa variante de diálogo e amizade com Anna Maria é por demais densa para tentar sintetizá-la aqui. Valha, apenas, a grata lembrança, que os nossos amigos portugueses decerto ampliarão com muito maior propriedade.

A PROFESSORA ANNA MARIA

José Mauricio de Carvalho
Professor do IPTAN

1 O encontro

Conheci a Professora Anna Maria Rodrigues no final dos anos 80 quando ela, com pouco mais de cinquenta anos, integrava o corpo docente do doutorado em Filosofia da Universidade Gama Filho. Na ocasião, era uma das especialistas em filosofia portuguesa, preparo raramente encontrado na Universidade Brasileira, tendo defendido tese de doutoramento sobre Antero de Quental.

Esse primeiro encontro foi cercado de expectativa por quatro motivos: ela era filha do embaixador e brilhante ensaísta Clodomir Vianna Moog, autor de *Um rio imita o Reno* e *Bandeirantes e Pioneiros, paralelo entre duas culturas* livro que lera na juventude em meus primeiros esforços para entender o Brasil, fora casada com o Professor Aroldo Rodrigues, que conheci num Congresso de Psicologia e autor de um dos livros textos adotados na minha graduação, defendera dissertação de mestrado no exterior e principalmente estivera envolvida numa polêmica acadêmica no Departamento de Filosofia da PUC Rio, que ocupou a imprensa nacional no início dos anos 80. Por essas razões, pela firmeza de suas convicções, pela coragem com que enfrentou o embate com uma das mais prestigiadas universidades brasileiras e por seu preparo intelectual, a Professora Anna Maria era, para um estudante do interior que chegava ao Rio de Janeiro, autêntica celebridade.

Suas aulas confirmaram o notável preparo intelectual de mestra com longa formação acadêmica: aluna de Inglês em Cambridge (1955), de Filosofia da PUCRJ (1975), do mestrado em Filosofia da University of Kansas (1961), do doutorado da Universidade Gama Filho (1982). Mais tarde faria o estágio de Pós doutorado na Universidade Nova de Lisboa (1992). Apesar de densas, suas aulas eram conduzidas com leveza e paciência. Com o tempo entendi que isso tinha raízes religiosas, numa profunda fé cristã que a professora estudava com o olhar crítico de pesquisadora atenta, mas vivia com a dedicação de crente fervorosa. E desde essa época nos tornamos amigos e também passamos a partilhar afinidades intelectuais pelo interesse comum na cultura brasileira e no diálogo Brasil-Portugal.

2. A contribuição

A Professora Anna Maria contribuiu com a cultura nacional em pelo menos três atividades fundamentais: como docente de cursos de pós-graduação onde além das aulas, orientou e integrou banca de dezenas de alunos; como membro do Instituto Brasileiro de Filosofia e do Instituto de Filosofia Luso- Brasileira, membro de um grupo de estudo da tradição luso-brasileira e, finalmente, como estudiosa do catolicismo.

Como exemplo de seus estudos sobre a tradição filosófica luso-brasileira destaque-se a comunicação que apresentou no *I Colóquio Antero de Quental* (1991) onde escreveu sobre o Absoluto no pensamento do mestre português autor que ela estudara no seu doutoramento. Anna Maria inseri Antero de Quental num movimento de cultura de que também fazem parte Amorim Viana, Cunha Seixas, Domingos Tarrozo e Sampaio Bruno, todos filósofos portugueses que expressam "o anseio de retorno ao Absoluto num movimento circular pelo qual tudo é concebido como saindo do Absoluto para aí retornar" (p. 310). Anna Maria ainda explica, neste texto, seu entendimento de que a História da Filosofia revela duas posições antagônicas, uma que aceita a multiplicidade presente na realidade confirmada pela experiência e uma outra que afirma "um Absoluto necessário como princípio e fundamento de toda a variedade de sensações e suas idéias, assim como da variedade naquilo que provoca as sensações e as idéias (...), um Absoluto necessário fundamento do contingente e relativo" (id., p. 301). É o seu modo de falar das perspectivas transcendente e transcendental consagradas pelo mestre e profundo kantiano Antonio Paim de onde vem essa distinção. E nessa forma de dividir a História da Filosofia os portugueses inicialmente mencionados pertencem ao segundo grupo ou àquele aderente à perspectiva transcendente. No que se refere propriamente à Antero, Anna Maria destaca a crítica que ele faz a Kant, não muito diferente do que se fazia na ocasião. O fundamental parece-lhe ser o encaminhamento do pensamento kantiano na linha do idealismo alemão, pois mesmo contra a vontade de Kant suas idéias evoluíam para a existência do Absoluto visto na identidade entre o real e o racional concebida pelo idealismo. E é a partir de uma interpretação profunda de Schelling e Hegel que Antero nega as posições dos dois filósofos alemães na medida em que evolui para um pensamento próprio: "o primeiro por negar que a razão que se conhece se conheça absolutamente; o segundo por não aceitar que o Absoluto se confunda com a fragmentação do real, a multiplicidade dos entes, a própria imperfeição das formas encarnadas" (id., p. 304). E com essa crítica de Antero aos idealistas cuidadosamente resumida, Anna Maria avança na interpretação do pensamento de Antero, para quem o Absoluto é ideal que tem o sentido da auto realização. Assim ela explica a filosofia anteriana como expressão de um espírito dinâmico que é imanente aos entes e às várias formas de cultura. "Enquanto é inconsciente palpita em tudo e impele todas as forças no sentido da consciência. O inconsciente é o espírito que se auto-manifesta como força espontânea" (p. 305). Essa forma de pensar indica um espírito que em si estaria se renovando e se fecundando, na medida em que toma ciência de sua própria essência. Então, conclui Anna Maria, para Antero, o Eu absoluto ou Deus é (1991):

a comunhão de consciências que houvessem alcançado a santidade pelo esforço individualizado de cada uma ...seria finalmente realizada a reintegração da multiplicidade na unidade, seria realizado o Absoluto, Deus, ficaria restabelecida a unidade do Absoluto, a sua integração em si mesmo(id.,p.306).

Dessa interpretação do pensamento de Antero de Quental desdobra-se uma leitura ampla do pensamento lusitano, que inclui a contribuição dos autores já citados: Amorim Viana, Cunha Seixas, Domingos Tarrozo e Sampaio Bruno como integrantes de uma tradição filosófica bem definida. Anna Maria encontra na filosofia de Antero de Quental, acima da preocupação estética, um significado ético explicitado na proposta de uma fraternidade universal, pela resignação estóica ante o sofrimento e pela tematização do Absoluto como pano de fundo da vida. O tema da evolução ética do universo na filosofia de Antero foi tema de outra comunicação intitulada *Antero*

de Quental, símbolo da cultura portuguesa apresentada na *VI Semana Internacional de Filosofia*. Ali escreveu (1992):

De fato, para Antero, o universo não existe nem se move senão para chegar a esse supremo resultado. A santidade é pois o termo último de toda evolução, tal é em resumo o sentido da síntese feita por Santo Antero das tendências do pensamento moderno (p. 85).

Assim, em razão da temática que tomam de Antero, autores como Bruno, Coimbra, Viana, Sampaio, mostram-se seus seguidores. O filósofo parece a Anna Maria símbolo da cultura portuguesa também, ela impregnada do mesmo anseio de santidade e fraternidade universais presentes na filosofia de Antero. Ela afirma: "Este ideal é expresso tanto nos mitos de fundação da nacionalidade, quanto é reassumido ainda hoje na obra de seus mais expressivos (...) filósofos" (id., p. 86).

Quanto aos estudos sobre o pensamento brasileiro começamos pela análise que fez do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* de Nuno Marques Pereira no *IX Colóquio Antero de Quental*, cujas Atas saíram em 2011, onde Anna Maira destaca o aspecto ético do *Compêndio* cuja tema é o conflito entre gozar a vida nesse mundo ou conquistar a salvação. Anna destaca a preocupação do autor com a realidade social da sociedade colonial brasileira próxima da ruína "devido a introdução de feitiçarias e calundus entre escravos, assim como muitos pecados, superstições, e outros abusos que encontrou por toda parte" (p. 56). A autora situa a obra no dilema barroco entre a volta a Deus e o mergulho no mundo e assim resume sua estrutura ética (2011):

Faz grande elogio das virtudes platônicas: prudência, justiça, fortaleza e temperança e aponta os vícios dos quais se deve fugir: ambição, soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. Afirma que todo homem dotado de entendimento é filósofo natural, mas que, mais vale obrar bem, do que ler ou falar sobre o que se deve fazer. Portanto, para se obrar bem é bem mais importante realizar o ato bom a que se propõe a vontade, do que discursar sobre ele (p. 59).

Anna Maria explica que o livro possui forma coloquial, diálogos vivos, estórias pitorescas, e comentários engraçados e cujo relato da paisagem natural permite adicionalmente uma idéia de como era o país no século XVIII. Ela contextualiza a obra numa sociedade colonial de pequena povoação, espalhada num território enorme onde o ouro recentemente descoberto atraía multidões de aventureiros e, principalmente, situa a obra no contexto intelectual da Contra-reforma que impôs o fortalecimento da moral católica.

Ainda tratando da filosofia brasileira, mas agora nos seus dilemas contemporâneos, Anna Maria expõe e comenta o pensamento de João de Scantimburgo no *X Colóquio Antero de Quental* como se segue (2011):

Preocupavam-no, sobremaneira, os destinos dos homens nesta quadra da história, quando lhe parecia decair, por toda a parte, a religiosidade, predominando a crescente onda de ateísmo, ou, o que considerava pior, o indiferentismo em matéria religiosa (p. 364).

Em seguida, ela explica que Scantimburgo encontra na filosofia de Maurice Blondel o caminho para uma aproximação da tradição católica com o pensamento moderno. Sua análise afirma que Scantimburgo desenvolve uma reflexão filosófica, ainda que permeada de construtos teológicos, para expressar seu pensamento. E, nesse sentido, Ana Maria desenvolveu uma interpretação importante do pensamento de Scantimburgo, retirando os eixos fundamentais de sua filosofia dos livros *A Filosofia da Ação* e *Introdução à Filosofia de Maurice Blondel*. Depois de comentar os livros propõe uma interpretação importante do pensamento de Scantimburgo que, conforme sua leitura se afasta do tomismo, podendo no máximo ser considerado uma espécie

de tomista heterodoxo. Mais correto, parece-lhe, é aproximá-lo do personalismo cristão. Afirma Anna: "Do que ficou dito acima, fica evidente que a ética de João de Scantimburgo será deduzida do pensamento blondeliano, e será a de um personalismo cristão" (id., p. 372). Esse personalismo, ela explica, se baseia numa solidariedade que compartilhamos com todos os homens, começando pela família, estendendo-se para a sociedade em que se vive e finalmente se ampliando para toda a humanidade. Esse sentimento nem sempre se manifesta em razão das paixões e fraquezas humanas, mas se estende ao respeito com a natureza, conforme síntese que assim apresenta:

E somos também responsáveis não somente por nosso destino, mas na medida em que interagimos com tudo no universo, somos responsáveis pelas consequências de nossas ações, sobre a natureza, sobre a sociedade e em última instância, sobre toda a humanidade (id., p. 373).

Para nossa autora temos então um pensamento que se coloca entre o sentido de responsabilidade, coincidente com os desígnios de Deus, e a entrega às paixões. É entre essas escolhas que se desenvolve a vida humana. Com seu estudo sobre Scantimburgo, Ana Maria não só estabelece uma nova linha de interpretação de seu pensamento, aproximando-o do personalismo cristão, como descreve mais um capítulo do diálogo do pensamento brasileiro com suas preocupações e formação católica.

Um outro exemplo de como esses estudos sobre a filosofia brasileira se aproximam de suas pesquisas sobre o pensamento católico é a comunicação *A liderança católica no Centro Dom Vital em meados do século XX* apresentada no *VII Colóquio Antero de Quental* cujas Atas saíram em 2007. Nessa comunicação Anna Maria faz uma síntese das pesquisas realizadas sobre a moral contra-reformista na tradição luso-brasileira, lembrando que ela inibiu as atividades empresariais, fortaleceu a burocracia, dificultou o desenvolvimento da economia de mercado. Essa síntese ela apresentou antes de examinar o pensamento de Alceu de Amoroso Lima (1893-1983) e Gustavo Corção (1896-1987).

Nessa comunicação Anna Maria fez ainda bela síntese do pensamento de Jacques Maritain, tema de sua dissertação de mestrado intitulada *The concept of Democracy in the Political Philosophy of Jacques Maritain*, porque é nesse autor francês que os dois intelectuais brasileiros se baseavam na condução do Centro Dom Vital. Ela explica que Maritain era um comentarista de primeira linha do tomismo, mas que se aproximou da esquerda francesa na construção de um pensamento humanista amplo, apresentado de forma sistemática em sua obra mais conhecida *O Humanismo Integral* (1936). Ela resume o livro que pretende estabelecer as bases de um humanismo católico. Por isso Maritain rejeita um humanismo que estivesse afastado da crença em Deus. Sintetiza Anna Maria (2007):

O ideal de Maritain era a realização de uma sociedade caracterizada por um verdadeiro humanismo teocêntrico. E se o verdadeiro humanismo era teocêntrico, o filósofo chegava à conclusão de que o humanismo antropocêntrico nada mais seria do que um humanismo desumano (p. 247).

Anna Maria explica, em seguida, que com a publicação de *O Homem e o Estado* (1951), Maritain aprofunda o caminho iniciado em *O Humanismo Integral* em que propunha uma nova rota para o catolicismo em diálogo com outras crenças e tradições culturais, proposta de convivência plural concretizada na *Declaração dos Direitos do Homem* (1948). Ela mostra ainda como no final da vida, ao publicar *Le*

Paysan de la Garonne (1965), Maritain não só se arrependia da aproximação com a esquerda francesa como estava desiludido com o progressismo e o reacionarismo, entendendo que ambos dificultam a construção de uma sociedade mais justa na perspectiva cristã. Ela diz que o filósofo:

Considerou, então, que a causa deste esvaziamento da religiosidade estaria no excessivo movimento do pendulo da direita para a esquerda. Lamentava o crescimento do valores materialistas, o crescimento do ativismo dentro da própria Igreja em lugar da espiritualidade que lhe deveria ser característica e o crescente e velado ateísmo aí instalado (p. 249).

Diante dessas posições de Maritain, Alceu e Corção entraram em conflito. O segundo discordou da leitura de Maritain e do diagnóstico que ele fizera dos rumos da sociedade contemporânea. Parece-lhe que a perda da espiritualidade na Igreja se deveu "a infiltração do comunismo ateu e militante e do socialismo atuante disfarçado sob a capa de generoso impulso de busca de justiça" (p. 251). Alceu, em contrapartida, admitia o diálogo com o socialismo como um caminho para o catolicismo na linha de uma nova sociedade pluralista universal, interpretando nessa linha os documentos pontifícios de João XIII e Paulo VI: *Mater e Magistra* e *Pacem in Terris*. Com essa tese não concordaria Corção. No que se refere ao sistema liberal, ambos continuavam rejeitando seus princípios, mantendo-se fiéis à tradição contra-reformista.

Anna Maria lembra que foi somente com João Paulo II que a igreja reviu as condenações ao liberalismo, que apesar de suas imperfeições, passava a ser considerado a melhor forma de o homem participar do projeto criador de Deus. Isso somente ocorreu quando os dois intelectuais brasileiros já haviam falecido.

Nessa comunicação, Anna Maria também resumiu a tradição moral contra-reformista que teve tanto impacto no Brasil, expôs os rumos dos debate católico no século XX, ao mesmo tempo que se apresentou como intérprete qualificada da obra de Jacques Maritain.

Não podemos esquecer, no que se refere à importância de Anna Maria para os estudos de filosofia brasileira, de seus trabalhos sobre algumas figuras fundamentais de nosso pensamento filosófico: Domingos Gonçalves de Magalhães, Silvio Romero, Farias Brito, Vicente Ferreira da Silva e Milton Vargas.

No *II Colóquio Tobias Barreto*, Ana Maria fez uma precisa síntese do pensamento de Gonçalves de Magalhães explicando seu esforço para criar uma elite culta capaz de servir de base para o Brasil recentemente independente, ao mesmo tempo que combatia o materialismo que era forte na escola de Medicina. A filosofia de Magalhães foi detalhadamente examinada e sua síntese pode ser assim proposta (1994):

Nem a palavra nem o pensamento provêm de sons, nem das sensações. Sequer são produtos da atividade dos nervos ou do cérebro. Em *Fatos Do Espírito Humano* elabora o conceito de força vital, elemento mediador entre a sensação exterior do animal e a sensação interior da alma, justamente para fugir do postulado de empirista de que as percepções e o próprio pensamento provêm exclusivamente das sensações. Em *A Alma E O Cérebro* combaterá a corrente, então em voga, chamada a fenologia, continuando a negar que o pensamento seja resultado fisiológico das atividades cerebrais: nem a palavra resulta de sons, nem a percepção das sensações, muito menos o pensamento da ação de nervos ou do cérebro. Toda a sua argumentação visa provar a existência do espírito e de Deus (p. 87)

Todo esse esforço de nosso pensador romântico, explica Anna Maria, é para vencer o sensualismo e materialismo que para Magalhães prevaleciam no meio

intelectual brasileiro. Por que superar o sensualismo? Para construir uma moral consistente, pensava o filósofo. Por outro lado, não se tratava de propor um puro espiritualismo à parte das conquistas modernas, pois era necessário igualmente preservar a ciência moderna sob pena de se ficar para trás no universo cultural. Assim, a defesa da ciência e da moral tradicional constituem os dois grandes objetivos do filósofo brasileiro perfeitamente coerente com a herança cultural brasileira. Ana Maria com sua comunicação coloca claramente o papel que desempenhou Magalhães como o grande representante brasileiro do ecletismo espiritualista e do propósito da elite intelectual que ele representa desejosa de: "preservar as raízes católicas, compatibilizando-a com a modernidade" (id., p. 90).

No *III Colóquio Tobias Barreto*, Ana Maria examinou a consciência de nacionalidade de Silvio Romero. A primeira característica da filosofia de Romero é a diversidade, própria de um país enorme. Portanto, não faria sentido uma unidade artificial, indicando a sobreposição do centro sobre as outras regiões. Também não seria xenófoba a consciência nacional, fechada ao diálogo com outras nações. Diz Ana Maria que a consciência de nacionalidade de Romero (1996):

consistiu na identificação de todos os elementos da cultura presentes na variedade de suas manifestações e formas de organização social. Para alcançar o diálogo fecundo com as demais culturas propôs que fosse reconhecida a necessidade da tolerância como virtude moral a ser promovida na consciência da identidade dos destinos humanos. Sua máxima foi a da variedade na multiplicidade e a unidade política baseada no respeito à diversidade de manifestações culturais (p. 100).

Ao mesmo tempo em que defende a liberdade e a tolerância, Romero espera a elevação espiritual do povo como forma de contribuir para a cultura universal. Diz Ana Maria: "a riqueza com que cada nação poderia contribuir para a orquestração de uma moral social estabelecida por consenso decorreria da elevação de seu próprio nível de auto-consciência nacional" (id., p. 101). Isso levou-a a concluir que o maior mérito de Silvio Romero foi a "preservação e valorização do patrimônio cultural da nacionalidade" (ibid.), no que se aproxima do papel que Teófilo Braga exerceu em Portugal.

Sobre Farias Brito, Ana Maria elaborou magnífica síntese do seu espiritualismo no *IV Colóquio Antero de Quental* realizado junto com o *V Congresso Brasileiro de Filosofia*. Mostra que em sua obra fundamental *O mundo interior*, Brito faz uma longa crítica a Kant com base no pensamento de Schopenhauer e a partir dela proclama o espírito como coisa em si, em detrimento da Vontade, o que somente foi possível, ela explica, porque Brito admitiu com Schopenhauer (1998): "e com Maine de Biran e Gonçalves de Magalhães e com Bergson - que o método introspectivo é o único que nos permite chegar ao conhecimento da coisa em si" (p. 20). Com base numa clara exposição do problema de Farias Brito conclui que: a. nele há um esforço para ir além do lógico, passando ao psicológico e "daí ao ontológico, ou do lógico diretamente para o ontológico" (id., p. 21); b. o filósofo pretende "alargar o escopo da razão, de ve-la mais abrangente e não apertada dentro da definição estreita da razão pura de Kant, mas compreendendo o sentimento, a paixão, a emoção e a imaginação" (ibid.); c. propôs uma ontologia, mesmo depois das advertências de Kant" (ibid.).

No *V Colóquio Tobias Barreto* ela elaborou uma precisa síntese do projeto intelectual de preservação do sagrado de Vicente Ferreira da Silva, um filósofo brasileiro contemporâneo, explicando que ele ofereceu duas alternativas para que o

sagrado não se perdesse como vinha acontecendo nesse mundo técnico e atribulado (2001):

A primeira seria habitar-se a proximidade do ser, quer pela ação criadora e instituidora do dizer poético, quer pela preservação dos conteúdos e valores desse dizer; a segunda forma de habitar-se a proximidade do ser, seria pela identificação com o destino proposto pelos modelos que, ao longo da história, haviam assegurado esta vizinhança do ser, os modelos reconhecidos em cada cultura (p. 70).

Anna não deixa de esclarecer que o projeto de Ferreira da Silva não era apologia da irracionalidade contra o racional, mas a proposta de um logos aberto ao mistério, ao amor, a crença e a liberdade. A presença do lúdico, esclarece Anna Maria, era para Ferreira da Silva um exemplo da primazia do Mito e uma estratégia para inspirar a ética contemporânea.

Sobre Milton Vargas, outro filósofo brasileiro contemporâneo, Anna Maria examina sua análise da educação tecnológica e suas consequências, tema do último livro que ela escreveu. Esse trabalho foi apresentado no *VII Congresso Brasileiro de Filosofia* (2002). Ela aí examina a obra de Vargas *Para uma filosofia da era tecnológica*. Do pensamento de Vargas ela destaca o papel que a técnica tem como componente de cultura, que junto com a linguagem constitui, para o filósofo brasileiro, o principal do fenômeno humano. Nesse sentido, a aprendizagem e o desenvolvimento tecnológico não parecem algo que se possa aprender isoladamente, à parte de outros elementos culturais como o sistema de valores e até da religião. O Japão, observa o filósofo, conseguiu aprender bem a tecnologia moderna, inserindo-a no seu contexto cultural. Anna Maria comenta nessa comunicação denominada *Filosofia da tecnologia, ética e contribuição de Milton Vargas* que para o filósofo brasileiro (2002): "há de se levar em conta que o desenvolvimento tecnológico é lento e custoso" (p. 112). Por isso, Vargas conclui que a tecnologia não se compra ou vende à parte do processo cultural. Comenta Anna Maria: "tecnologia tem que ser considerada como saber que se aprende, isto é, como cultura que se tem que adquirir" (id., p. 113). Outro aspecto que ela destaca do pensamento de Vargas é o entendimento de que a tecnologia tem ritmo próprio de evolução uma vez estabelecida. Assim, não parece possível a nosso pensador, perguntar-se sobre a adequação ética do uso de uma tecnologia, como faz por exemplo Hannah Arendt, pois uma vez desenvolvida uma conquista tecnológica, esta adquire ritmo próprio. Com tal entendimento, Vargas abre espaço para uma nova forma de discussão ética, que Anna Maria trata como um dos problemas fundamentais de nosso tempo.

3 O legado

A extensão do legado de Anna Maria como mestra é imponderável, pois não há como avaliar o que ela deixou em cada um dos seus muitos alunos. E menos ainda podemos medir seu legado como mãe exemplar na criação dos filhos e sua vida de cidadã cumpridora de seu papel. Quero comentar pequena parte de seu legado intelectual minimamente registrado no item anterior. No livro que organizou, *Moralistas Século XVIII*, Anna Maria fez uma avaliação do que então se sabia sobre o debate ético no Brasil colônia sintetizado na expressão *saber de salvação* utilizada por Vita (Luiz Washington) e Paim (Antonio)(1979). Eis o que escreveu:

Antônio Paim em sua *História da Idéias Filosóficas no Brasil*, propõe uma conceituação de saber de salvação que enfatiza os seguintes pontos: o desprezo do mundo, sendo o mundo identificado com a dimensão corpórea na qual se integra o próprio homem; a

resistência à tentação, equivalendo ao comportamento ético por excelência, a eternidade da salvação contrapondo-se à transitoriedade da tentação. Considera que o saber de salvação caracteriza-se por uma acepção inteiramente negativa da pessoa humana. Supõe finalmente que tal acepção negativa do homem seja facultada pela doutrina do livre-arbítrio segundo a qual o homem só exerce plenamente sua liberdade com o concurso externo da graça, e não pela força da razão.

Essa hipótese exige reparos. A conceituação do saber de salvação antes apresentada, insere uma acepção negativa de mundo e, por conseguinte, da dimensão corpórea do homem e não da pessoa humana na sua totalidade. O objetivo do saber de salvação é a salvação da alma e a mera possibilidade desta salvação pela resistência à tentação e pelo merecimento da vida eterna confere à pessoa humana uma dignidade que é calculada na posse do livre-arbítrio. O que é enfatizado é a vulnerabilidade da condição humana por sua dimensão corpórea, pelas tentações da carne e das paixões do mundo. (...) O pessimismo do saber de salvação é, pois muito mais referente ao mundo e à condição humana de estar no mundo do que à pessoa humana como tal. De todos os modos, Vita e Paim parecem certos ao enfatizarem que o pensamento brasileiro na Colônia é de cunho eminentemente moralista. (p. 16).

Ao chamar atenção para a relevância do debate moral no período colonial, ao reunir textos importantes do período e comentários sobre eles, ao recolocar a questão do livre-arbítrio salvaguardando a condição da pessoa humana e principalmente ao observar que algo do pensamento católico ficava fora do pessimismo do denominado saber de salvação, o texto de Ana Maria induziu a continuidade da investigação e exigiu uma compreensão mais ampla do debate moral da colônia, como tive oportunidade de retomar o assunto em *Caminhos da moral moderna: a experiência luso-brasileira* (1995). Em síntese de parte desse livro feita na comunicação *A moral católica no período colonial e seu impacto na tradição luso-brasileira*, dissemos (2011) :

No primeiro ciclo, que de forma geral vai de meados do século XVI até a década de vinte do seguinte há uma aproximação do debate moral dos objetivos renascentistas. No ciclo que se segue, que se estende daí até o final do século XVII há uma radicalização da moral católica e uma rejeição dos valores terrenos. A revisão desse discurso estreito é obra dos moralistas do século XVIII que pertencem ao período pombalino. No pombalismo cria-se um modelo ético que trata o universo como espelho divino, abrindo espaço tanto para a incorporação da ciência moderna quanto das práticas econômicas capazes de favorecer a acumulação de riquezas pelo Estado, mas sem alterar os aspectos nucleares da moral tradicional, apenas adaptada à sua nova função social. Os moralistas do último ciclo pretendem superar a radicalização do debate moral dos setecentos não rejeitando os valores ali pressupostos, mas revendo-os com o objetivo de construir um Estado moderno capaz de incentivar a prática da ciência, regular as relações sociais e servir de justificativa para vida terrena. Este esforço de inserir a moral tradicional numa perspectiva moderna (construir um Estado Moderno) marcará as propostas que se estendem ao longo do século XIX, isto é, o **utilitarismo ético** de Silvestre Pinheiro Ferreira e Visconde de Cairu, as **éticas ecléticas ou espiritualistas** de Diogo Antônio Feijó; Eduardo Ferreira França; Domingos G. Magalhães, Amorim Viana, Cunha Seixas, Antero de Quental e outros e o **positivismo e relativismo ético** dos quais são representantes, entre outros, Teófilo Braga e Silvio Romero (p. 14-15).

Caminhos da moral moderna: a experiência luso-brasileira permitiu entender as advertências de Ana Maria, pois o pessimismo com a condição humana que se observa nos textos de moral no Brasil Colônia veio no segundo ciclo do contra-reformismo, depois do afastamento das idéias humanistas da renascença. O livro também esclarece as dificuldades do nosso país lidar com o assunto, como haviam salientado Paim e Vita. Pode-se ler que quando a geração pombalina tentou resgatar o

otimismo do primeiro ciclo, mas legando ao Estado o essencial da tarefa de construir uma vida terrena digna, entrou por um caminho muito difícil. Enfim, os avanços na compreensão do problema moral e de sua evolução no Brasil Colônia e início do Império procuram responder às dúvidas e observações de Anna Maria do postas no livro de 1979.

Por outro lado, olhar a pessoa humana numa dimensão ampla ficou como desafio para os católicos e Anna Maria soube acompanhar esses estudos. Destaque-se sua investigação sobre Jacques Maritain e *O Humanismo Integral*, livro que a deslumbrou quando iniciou seus estudos de Filosofia. Apesar das dificuldades políticas, econômicas e sociais que a compreensão limitada da pessoa humana deixaram no Brasil, a idéia de pessoa foi a base para que pudéssemos nos inserir sem maiores dificuldades no campo axiológico do ocidente, cujo valor fundamental é a pessoa humana e permitir uma formulação teórica da pessoa numa ética ao nível de nosso tempo, como fez Miguel Reale no seu personalismo axiológico. Sobre isso Anna Maria foi impecável ao afirmar em sua comunicação no *IV Colóquio Tobias Barreto*, sobre Miguel Reale que ele era "cidadão do mundo" e que no livro *Paradigmas da Cultura Contemporânea* (1998): "se encontra plenamente elaborada a resposta para o problema colocado de como será possível ao homem contemporâneo estabelecer uma ética universal verdadeiramente reconhecida por todos (...) calcada na experiência histórica" (p. 148-149). Na conclusão dessa comunicação explica que pessoalmente encontrava na síntese entre o pensamento católico de Maritain e o historicismo axiológico de Miguel Reale uma resposta para seus questionamentos da juventude e talvez pudéssemos dizer das dificuldades vividas pelo debate ético no Brasil que ela identificara em seu livro de 1979. Ela escreveu sobre isso (1998):

Quando iniciei meus estudos de Filosofia, o primeiro livro que me deslumbrou foi o *Humanismo Integral* de Jacques Maritain. Quer-me parecer que com a referência do mestre Miguel Reale ao humanismo integral, eu tenha alcançado a plena integração de todos os elementos de minha constelação de valores. Daí que, procurando ser fiel aos primórdios de minha formação tomista, usei atribuir às invariantes axiológicas de Miguel Reale a característica de perenidade. Quero crer que não tenha sido de todo inadequada a atribuição. Maritain considerava, consoante a filosofia de Santo Tomás de Aquino, que a lei natural é a lei de Deus. Entretanto, esta não está escrita na razão individual, mas se vai desvelando ao longo do lento caminhar histórico da humanidade, em suas marchas e contramarchas. Tal como descreveu Reale, Maritain também indicava que nesse lento e penoso processo, certos valores vão sendo depurados e permanentemente conquistados pela humanidade (p. 151).

Estou certo de que essa pequena síntese do pensamento de Anna Maria é insuficiente para dar a real dimensão de sua importância como mestra, amiga e investigadora, mas fica como homenagem pela passagem de seus oitenta anos.

Referências

CARVALHO, José Mauricio de. *A moral católica no período colonial e seu impacto na tradição luso-brasileira. Atas do IX Colóquio Antero de Quental de 2011. Estudos Filosóficos*, São João del-Rei, UFSJ, n. 7, jul./dez. 2011, p. 13- 30.

! 76!

RODRIGUES, Anna Maria Moog. *Moralistas do século XVIII*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1979.
_____. O Absoluto no pensamento de Antero de Quental. *Atas do Colóquio Antero de Quental de 1991*. Sergipe: Fundação Augusto Franco, 1993, p. 301- 312.

_____. Antero de Quental, símbolo da cultura portuguesa. *Anais da VI Semana Internacional de Filosofia. Presença Filosófica*, n.1-4, v. 18, 1992. p. 83-86.

_____. O romantismo na obra de Domingos Gonçalves de Magalhães e de Pedro Amorim Viana. **Atas do II Colóquio Tobias Barreto**. Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1994, p. 81-91.

_____. Silvío Romero, consciência da nacionalidade e afinidade com Teófilo Braga. **Atas do III Colóquio Tobias Barreto**. Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1996, p. 81-101.

_____. A perenidade dos valores no pensamento de Miguel Reale. **Atas do IV Colóquio Tobias Barreto**. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 1998, p. 141-151.

_____. A moral lúdica segundo o pensamento de Vicente Ferreira da Silva. **Atas do V Colóquio Tobias Barreto**. Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1998, p. 61-71.

_____. A problemática do kantismo em Cunha Seixas e Farias Brito e nos filósofos que os precederam em Portugal e no Brasil. **IV Colóquio Antero de Quental**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1998.

_____. Filosofia da tecnologia, ética e contribuição de Milton Vargas. **Anais do VII Congresso Brasileiro de Filosofia**. João Pessoa: Centro Universitário, 2002.

_____. *A liderança católica no Centro Dom Vital em meados do século XX*. **Atas do VII Colóquio Antero de Quental de 2006**. São João del-Rei: UFSJ, 2007, p. 243-254.

_____. O Compêndio Narrativo do Peregrino da América. **Atas do IX Colóquio Antero de Quental de 2011. Estudos Filosóficos**, São João del-Rei, UFSJ, n. 7, jul./dez. 2011, p. 54-63.

_____. O pensamento de João de Scantimburgo. **Atas do X Colóquio Antero de Quental de 2006. Estudos Filosóficos**, São João del-Rei, UFSJ, n. 7, jul./dez. 2013, p. 363-374.